Cruzeiro do Sul
Educacional

Leitura e Escrita: Processos Dinâmicos, Ativos e Colaborativos

Conteudista
Prof.ª Dra. Silvia Augusta de Barros Albert

Revisão Textual
Mírian Lúcia Ferreira

Sumário

Objetivos da Unidade 3

Introdução 4

O que é Ler? 5

Leitura: um Processo Ativo e Dinâmico 8

A Importância dos Conhecimentos Prévios para a Leitura 10

Estratégias de Leitura na Esfera de Atividade Acadêmica 14

O que é Escrita? 19

Usos da Língua na Norma Urbana de Prestígio 22

Em Síntese 28

Atividades de Fixação 29

Material Complementar 30

Referências 32

Gabarito 33

Objetivos da Unidade

- Compreender o processo de leitura e de escrita como processos inseridos em situações de comunicação, que dependem da participação ativa e colaborativa do produtor de texto e do leitor para a produção de sentidos;
- Apreender a dinâmica, as estratégias e procedimentos concernentes aos processos de leitura e escrita em diferentes contextos;
- Aprimorar conhecimentos a respeito de usos da língua na norma urbana de prestígio.

Atenção, estudante! Aqui, reforçamos o acesso ao conteúdo *on-line* para que você assista à videoaula. Será muito importante para o entendimento do conteúdo.

Este arquivo PDF contém o mesmo conteúdo visto *on-line*. Sua disponibilização é para consulta *off-line* e possibilidade de impressão. No entanto, recomendamos que acesse o conteúdo *on-line* para melhor aproveitamento.

VOCÊ SABE RESPONDER?

Como compreender o processo de leitura e escrita como atividades inseridas em situações de comunicação, que exigem a participação ativa e colaborativa do produtor de texto e do leitor para a construção de sentidos?

Introdução

> Os limites da minha linguagem são os limites de meu mundo.
> **Ludwig Wittgenstein**
>
> O que há de mais belo na escrita é a tensão entre o que está escrito e o que há por escrever, é o uso de uma liberdade que assume todos os riscos ao imprimir sua marca.
> **Georges Picard**

Nesta Unidade, vamos abordar a leitura e a escrita como processos inseridos em situações de comunicação, que dependem da participação ativa e colaborativa do produtor de texto e do leitor para a produção de sentidos. Vamos conhecer algumas estratégias para realizar leituras mais proveitosas, principalmente no âmbito acadêmico, além de apresentar uma concepção de escrita como uma atividade humana, em que estão implicados aspectos cognitivos e sociais, que tem como base a interação. Afinal, sempre escrevemos para alguém.

Para começar a pensar nos temas desta Unidade, que estão sempre bastante interligados, isto é, a leitura e a escrita se alimentam reciprocamente, selecionamos um curta-metragem que ganhou o Oscar em 2012. Trata-se do filme *The fantastic flying books of Mr.* Morris Lessmore, uma alegoria bem-humorada sobre o poder curativo das histórias, que necessariamente vai abordar tanto a leitura quanto a escrita de histórias. A partir de uma variedade de técnicas (miniaturas, computação gráfica, animação), o premiado autor/ilustrador William Joyce e o codiretor Brandon Oldenburg apresentam um estilo híbrido de animação que remete tanto aos filmes silenciosos quanto aos musicais *Technicolor* da MGM.

Vídeo

Os Fantásticos Livros voadores do Senhor Lessmore

E, então? Assistiu? Gostou? É uma maneira prazerosa de aprender sobre a leitura e a escrita, e de constatar a importância desses dois processos na vida de todos nós. Agora, vamos aprender um pouco mais sobre esses dois importantes processos de uma outra maneira! Esperamos que gostem também.

O que é Ler?

Antes de definir o que é ler, é importante distinguir informação de conhecimento. A informação é adquirida sempre que estamos em contato com as coisas do mundo. Quanto mais atentos ficarmos às informações, para estabelecer relações com os conhecimentos que já possuímos, mais conhecimento e melhor desempenho teremos, tanto acadêmico quanto profissional.

Atualmente, o acesso ilimitado à rede de informações favorece muito esse contato nas diferentes situações do cotidiano. Temos, portanto, importante papel ativo na construção desse conhecimento, que se produz pelo estabelecimento de relações entre as mais diversas informações, sobre as quais refletimos, atribuímos sentido e transformamos em conhecimento. Nesse processo, a leitura se constitui como uma habilidade decisiva para a construção do conhecimento.

É muito comum as pessoas dizerem que não gostam de ler e que não leem com frequência. Para muitas pessoas, ler é apenas decodificar a mensagem para, depois, reproduzi-la. Para outros, a dificuldade de memorizar tudo o que leem leva ao distanciamento do ato de ler e consequente rejeição da leitura. Alguns acreditam que não se produz conhecimento enquanto não houver maturidade para isso.

Quando acreditamos que somos capazes apenas de reproduzir informações e não de produzir conhecimento, é como se, ao entrarmos na escola ou na faculdade, tivéssemos acabado de nascer e não tivéssemos o poder de ter ideias próprias, não pudéssemos pensar, refletir e criar. Esse pensamento é prejudicial, por transformar-se num bloqueio para o leitor que acredita não ser capaz de compreender o que um texto diz. Então, muitas pessoas acabam não lendo devido ao mito da incapacidade.

Ler não é simplesmente decodificar letras. Não lemos apenas palavras, mas também imagens, gestos, expressões faciais, comportamentos e atitudes. Ler é compreender o mundo que nos cerca. Ler é tomar contato com o pensamento do outro para poder criar o próprio pensamento. Para tanto, não podemos ficar passivos diante de um texto; devemos ser um leitor crítico que pode concordar ou discordar, que pode criar novas ideias a partir da leitura. Nesse sentido, ler não é "compreender o que o texto diz", mas atribuir sentidos ao texto. Ler é a chave do conhecimento; tanto a leitura de um texto quanto a leitura da realidade mais ampla: a do mundo.

"A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela." (FREIRE, 1984, p. 22). Essa frase nos remete à importância dos nossos conhecimentos prévios e das experiências vividas para a construção dos sentidos dos textos que lemos e reforça a ideia de que a compreensão só ocorre quando estabelecemos relações entre as informações do texto e os conhecimentos que já possuímos.

Mas por que, então, achamos que não lemos? E mais: será que lemos apenas quando estamos com um livro na mão? É fato que estamos acostumados a relacionar a leitura apenas a livros. Além disso, é comum nos referirmos à leitura pensando apenas na decodificação de palavras. No entanto, atualmente, é bastante complicado afirmar que uma pessoa conectada à modernidade não leia absolutamente coisa alguma. É só pararmos para refletir no nosso dia a dia para constatarmos quantas vezes estamos em contato com a leitura.

Lemos tanto o destino do transporte que iremos usar quanto às inúmeras mensagens no *WhatsApp* e os *e-mails* de trabalho, além de outros documentos e impressos com os quais lidamos cotidianamente, como as contas a pagar, os folhetos de propaganda, as manchetes dos jornais e capas de revistas nas bancas, só para citar algumas ações rotineiras.

A sensação de que não lemos se deve ao fato de que muitos de nós não temos o hábito de ler com o objetivo de entretenimento ou de busca de conhecimento. Em uma pesquisa realizada em 2015 pelo IBOPE, a pedido do Instituto Pró-livro, 44% dos participantes disseram não ter folheado um livro nos três meses anteriores (BABEL, 2016). Mas é certo que estamos sempre em busca de informações. Mesmo assim, poucas vezes, lemos textos formais completos como jornais, revistas, periódicos, livros, etc. E, mesmo quando os lemos, raramente refletimos sobre essas leituras.

Na vida acadêmica, entretanto, a leitura assume outras funções extremamente importantes para o nosso desenvolvimento tanto acadêmico quanto profissional. Na vida acadêmica e profissional, ler não é uma ação gratuita. A leitura deve ser sempre orientada por um objetivo preciso: informar-se, selecionar e coletar informações, condensar e reformular informações, etc.

Em Síntese

Resumindo, na universidade, ler significa apropriar-se de uma informação, relacioná-la aos nossos conhecimentos para produzirmos novo conhecimento. Dessa perspectiva, ler não significa descobrir algo desconhecido; significa, ao contrário, partir de experiências e conhecimentos próprios para construir hipóteses a respeito do que lemos e, durante a leitura, confirmá-las ou descartá-las. Ler, e isso precisa ficar registrado em nossa memória, é atribuir sentidos ao que lemos.

Leitura: um Processo Ativo e Dinâmico

A leitura é um processo cognitivo único para qualquer indivíduo, em qualquer língua. O termo cognitivo está relacionado ao processo mental de percepção, memória, construção de relações, avaliação e compreensão. E o ato de ler, como veremos a seguir, solicita um trabalho mental importante.

A diferença entre um leitor proficiente, isto é, um leitor competente, que possui um bom aproveitamento sobre o que lê, e um leitor inexperiente, não reside apenas no processo de estabelecer sentidos a partir do texto, mas na maneira como cada um deles dinamiza esse processo, tanto desenvolvendo estratégias (de seleção, de predição e de inferência) como também utilizando os conhecimentos já adquiridos, ou seja, os conhecimentos prévios para compreender o que lê.

Aprender a ler com eficiência implica, pois, o desenvolvimento de estratégias e a utilização de conhecimentos prévios. O sentido é criado a partir do texto, entretanto, conseguir atribuir sentidos ao texto depende do que o sujeito-leitor armazena na memória e da maneira como ele ativa sua memória no momento da leitura. Nossa memória tem uma capacidade de armazenamento muito grande. Tudo aquilo que aprendemos e que vivemos fica ali “guardado”.

Quando nos deparamos com situações novas, ou com um novo texto, nossa memória é ativada: ela fornece os dados armazenados que podem ter relação com a informação nova e estabelece as relações necessárias para, a partir da informação fornecida pelo texto e os conhecimentos ativados pela memória, sermos capazes de construir sentidos na leitura do texto. Por isso, dizemos que nossa memória “trabalha”; ela efetivamente nos ajuda a ler e compreender.

Além disso, quanto mais atento o leitor estiver ao trabalho de sua mente durante a leitura, quanto mais procurar conscientemente os conhecimentos necessários para a construção dos sentidos, mais produtiva ela será. Essa atitude diligente é essencial na leitura de textos acadêmicos, por exemplo. Tudo isso ocorre porque a característica mais importante do processo da leitura é a atribuição de sentidos ao texto.

O sentido é construído e reconstruído durante a leitura e releitura; a cada informação nova com que nos deparamos, a memória ativa outros conhecimentos e nós estabelecemos novas relações, novos sentidos. Durante e após a leitura, o leitor continuamente reavalia e reconstrói o sentido enquanto obtém novas percepções.

Reflita

Você já havia pensado na leitura dessa perspectiva?

Como pudemos constatar, a leitura é um processo dinâmico e muito ativo, que exige a postura interativa do leitor que anseia por se tornar proficiente, ou seja, competente, na transformação da informação em conhecimento. Veja no curta, a seguir, uma experiência de transformação de um leitor inexperiente:

Vídeo

Meu amigo Nietzsche (curta brasileiro de Fáuston da Silva, ficção, 2012): um garoto encontra um livro de filosofia. O improvável encontro será o início de uma violenta revolução em sua mente, na vida de sua família e na sociedade. Ao final, ele não será mais um garoto. Será uma dinamite.

Percebeu como a leitura tem um poder transformador? Vamos continuar, então, a nossa leitura.

A Importância dos Conhecimentos Prévios para a Leitura

A compreensão de um texto somente é possível se o leitor já possuir previamente algum conhecimento do qual possa partir para processar as informações contidas no texto: só se compreende o que não se conhece a partir do já conhecido.

Reflita

Não é interessante pensar que há sempre um aproveitamento de nossas leituras anteriores para a leitura que estamos fazendo nesse momento?

Nossas leituras dependem, portanto, em grande parte, dos conhecimentos que já possuímos, ou seja, de nossos conhecimentos prévios. As leituras que precedem a leitura em questão, os conhecimentos adquiridos de maneira formal, ou não, são fatores que possibilitam uma boa interpretação e compreensão do texto e a atribuição de sentidos ao que se lê. Um médico, por exemplo, tem mais facilidade em ler e compreender os efeitos colaterais explicitados em uma bula de remédio do que um leigo, pois estudou sobre o assunto e o conhece.

Além disso, o sentido de um texto não é construído somente por meio de elementos explícitos; a compreensão constitui um processo que requer um cálculo mental. As inferências constituem um exemplo prototípico de cálculo mental, pois elas são o processo pelo qual o leitor adquire informação partindo de informações textuais explicitamente apresentadas e considerando o contexto.

Podemos definir inferência como um processo que permite gerar novos sentidos, ou novas informações a partir do estabelecimento de relações entre as informações que estão explícitas no texto e os nossos conhecimentos. Assim, por exemplo, a partir da piadinha a seguir:

A professora perguntou para Nino:
— Você tem sete bombons. Como é que você faz para dividir com a sua irmãzinha?
E o Nino responde:
— Dou quatro para mim e três para ela.
— O que é isso, Nino? Você ainda não sabe dividir?
— Eu sei. Mas minha irmã não sabe...

Podemos inferir, com base nas informações explícitas no texto, que Nino é malandro, ou seja, deseja tirar vantagem da falta de conhecimento da irmãzinha, pois, consciente de que ela não sabe fazer a operação de divisão, tem a intenção de enganá-la. Essa informação não está dita explicitamente no texto, mas a diferença na quantidade de bombons que ele distribuirá, a qual está colocada claramente no texto, é vantajosa a seu favor. As informações presentes no texto associadas a nossos conhecimentos socioculturais sobre o comportamento das pessoas nos permitem construir uma avaliação a respeito do personagem. **Essa avaliação se dá por um processo inferencial.**

Outro exemplo: um cão atravessava o rio com um pedaço de carne na boca. Quando viu seu reflexo na água, pensou que fosse outro cão carregando um pedaço de carne ainda maior. Soltou então o pedaço que carregava e se jogou na água para pegar o outro. Resultado: não ficou nem com um, nem com outro, pois o primeiro foi levado pela correnteza e o segundo não existia (VIANNA, 1997).

Com base na leitura dessa fábula, podemos inferir que a ambição excessiva não traz benefícios. O texto não traz essa informação de forma explícita, mas os fatos narrados nos conduzem a essa conclusão, por um processo de raciocínio inferencial que uniu informações do texto ao que já conhecíamos previamente.

O conceito de conhecimento prévio engloba, ainda, conhecimentos de diversas ordens: sobre a língua e seu funcionamento, sobre os textos e suas estruturas, sobre o mundo em geral, sobre a especificidade da situação de comunicação, além daqueles adquiridos por meio das experiências pessoais do leitor.

Importante

Podemos identificar, portanto, pelo menos três grandes conjuntos de conhecimentos prévios: **o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo**. Obviamente, esses três grandes conjuntos de conhecimentos se articulam e a ativação de todos eles permite ao leitor transformar uma estrutura isolada e fragmentada na memória numa entidade mais completa e coerente.

O conhecimento linguístico representa a competência do falante em relação à gramática de sua língua materna que, por sua vez, permite ao leitor perceber a maneira pela qual o texto foi tecido: sua ligação interna, sua textualidade, sua unidade. É um dos tipos de conhecimento do qual o indivíduo lança mão, por exemplo, quando se depara com uma situação de ambiguidade. Além disso, esse tipo de conhecimento nos permite reconhecer quando alguém está falando uma língua que não é a língua portuguesa. Ao ler uma frase como: "*Questa bambina non é mai tornata a casa!*", sabemos que ela não está escrita em português, mesmo tendo reconhecido a palavra casa.

O conhecimento textual é construído pela convivência com diferentes textos em diferentes situações. Kleiman (1997) ressalta que "quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão". E o conhecimento de diferentes gêneros também é essencial, pois é o que nos permite reconhecer um conjunto de enunciados como um conto e não como uma receita, por exemplo.

Esse conhecimento permite ainda ao leitor direcionar suas expectativas frente aos textos, tornando possível que, diante de um texto predominantemente narrativo, o leitor espere encontrar personagens, conflito, ação, temporalidade e, diante de um texto predominantemente argumentativo, procure encontrar a defesa de uma tese.

Importante

O conhecimento de mundo corresponde ao conjunto de conhecimentos que o leitor adquiriu em seu processo de aprendizado formal e informal, incluindo também suas experiências pessoais. É fato, por exemplo, que indivíduos de uma mesma cultura compartilham conhecimentos que foram adquiridos, na maioria das vezes, informalmente.

O que torna o conhecimento de mundo decisivo para o estabelecimento de sentido de um texto é a necessidade de haver correspondência entre os conhecimentos ativados a partir do texto e o conhecimento de mundo armazenado pelo leitor em sua memória. Se essa correspondência não se efetiva, não se atribui sentidos ao texto, pois não se estabelecem relações entre os elementos do texto e os de mundo.

Além disso, haverá mais dificuldade de estabelecer as relações entre as informações do próprio texto, como também de ampliá-las. Esse conhecimento permite que o leitor possa completar, com segurança, as lacunas de um texto. Observe como acionamos vários conhecimentos prévios para compreender o texto a seguir:

Por que a mulher do Hulk se divorciou dele?

Porque ela queria um homem mais maduro.

Só atribuímos sentidos a esse texto se acionarmos nosso conhecimento textual e percebermos que se trata de uma piada. Além disso, precisamos acionar nosso conhecimento de mundo para nos lembrarmos que Hulk é um personagem, um super-herói de força extraordinária, que possui a cor verde. Esse conhecimento é essencial para entendermos a graça da piada, pois o verde entra em oposição com o adjetivo maduro. E, então, precisamos de nosso conhecimento linguístico para nos lembrarmos dos dois sentidos possíveis para esse adjetivo: maduro (estágio que o fruto está pronto para ser colhido, em oposição a verde) e maduro (atribuído às pessoas que não são mais crianças, que têm atitudes adultas; responsáveis).

Veja quantos conhecimentos precisamos acionar para atribuir sentidos a uma piada, um gênero nada extenso e informal! Imagine em um texto teórico!

Evidentemente, se a experiência de mundo do autor for muito diferente da do leitor, problemas de compreensão poderão ocorrer e cuidados extras terão que ser tomados, como, por exemplo, uma pesquisa de dados referentes ao texto que será lido. Se o texto trata de questões culturais do oriente, o leitor do ocidente pode ampliar seu conhecimento de mundo com outras pesquisas e leitura.

Ao nos depararmos com um texto que trata de um assunto desconhecido ou pouco conhecido, devemos procurar informações fora do texto, pesquisar em outras fontes de referência, a fim de compreender melhor o texto. Essa é uma boa estratégia de leitura. Aliás, esse é nosso próximo assunto. Leia com atenção!

Estratégias de Leitura na Esfera de Atividade Acadêmica

Geralmente, utilizamos intuitivamente uma série de estratégias para ler um texto, sem nos darmos conta de que estamos trabalhando ativamente para compreendê-lo. As estratégias de leitura são ações que fazemos para atribuir sentido ao que lemos. Podemos compará-las, por exemplo, com as estratégias utilizadas por um treinador em um jogo de futebol para vencer uma disputa no campeonato.

No nosso caso, as estratégias de leitura dependem muito do gênero do texto. Por isso, a estratégia utilizada na leitura de um romance não é a mesma que se usa para a leitura de um texto acadêmico ou teórico. Se continuarmos a nossa comparação, o técnico de futebol também usará estratégias diferentes para cada time adversário, não é mesmo?

Vale lembrar ainda que as estratégias para compreender os textos que lemos dependem dos objetivos da leitura. Quando lemos um romance, por exemplo, normalmente estamos procurando nos distrair, lemos por prazer e temos de lê-lo do início ao fim para compreender seu sentido; diferentemente da leitura de um gênero acadêmico ou de uma obra teórica, que lemos para estudo, para ampliar nossos conhecimentos, para fazer uma prova, o que exige seguir a ordem dos capítulos. Vamos sistematizar um pouco essas estratégias?

Importante

Lembre-se: as dicas que apresentamos a seguir são direcionadas para a leitura de textos para estudos. Afinal, na vida acadêmica é importante lançar mão de estratégias de forma consciente.

Então, acompanhe, a seguir, a apresentação de algumas etapas que auxiliam a compreender melhor os textos para seus estudos:

Antes de começar a ler o texto propriamente, explore-o um pouco, de forma global, a fim de apreender, brevemente, a imagem do documento escrito:

Circunscreve o texto

Observe o que circunscreve o texto: os outros textos e/ou as ilustrações que estão em torno dele.

Extensão do texto

Tome consciência da extensão do texto (quantas páginas) a fim de planejar o tempo que despenderá na leitura (não adianta, por exemplo, deixar para ler um texto de 20 páginas trinta minutos antes do início da aula para a qual o professor pediu a leitura).

Título e subtítulos

Tome conhecimento do título do texto e dos subtítulos, pois eles fornecem pistas sobre o assunto que será desenvolvido.

Apresentação e estilo

Observe a apresentação e o estilo: uma expressão em negrito, por exemplo, pode indicar um elemento para o qual o autor quer chamar a atenção dos leitores; um texto em itálico ou entre aspas pode indicar uma citação, ou uma ressalva por parte do produtor do texto.

Autor do texto

Procure identificar quem é o autor do texto e informe-se sobre ele.

Gênero do texto

Observe o gênero do texto, pois os gêneros têm características próprias de organização conforme a sua função. Após ter se preparado para ler o texto, é importante fazer uma leitura rápida, mas integral, sem se deter em palavras e estruturas desconhecidas ou complexas.

Estruturas e expressões

Dirija a atenção às estruturas e expressões identificáveis, conhecidas, para apreender a ideia principal ou a tese desenvolvida no texto (lembre-se de que compreendemos um texto a partir de nossos conhecimentos já armazenados na memória).

Releia

Releia, atentamente, a introdução e a conclusão, pois elas trazem informações globais.

Depois de passar por essas etapas, você estará preparado para uma boa leitura, que certamente será mais seletiva:

- Inicie a leitura com a identificação das palavras e expressões desconhecidas e a elaboração de um vocabulário do texto, recorrendo ao dicionário;
- Em seguida, passe à leitura seletiva propriamente, que consiste em sublinhar no texto:

    1. As expressões, as palavras e as frases-chave que exprimem as ideias mais importantes do texto;
    2. As expressões que indicam a articulação do texto;
    3. As passagens significativas que revelam o desenvolvimento das ideias mais importantes (eliminando os exemplos ilustrativos, as enumerações, as repetições, as redundâncias).

Para garantir o bom aproveitamento do texto e para não ter que voltar a lê-lo integralmente quando tiver que retomá-lo para estudos, aconselhamos que, depois de passar por essas três etapas, você sistematize as informações do texto lido, por meio um esquema, ou seja, um plano do texto lido. Esse plano pode ser muito útil na hora de estudar para a prova, por exemplo.

Para a elaboração do plano, siga os seguintes passos:

- Extraia de cada parágrafo as ideias ou expressões essenciais e resuma-as em uma palavra-chave ou em um título;

- Extraia as ideias secundárias ou complementares e também as resuma em uma palavra-chave ou em um subtítulo, logo abaixo das ideias principais;

- Anote os elementos de articulação lógica entre cada ideia importante a fim de conservar a organização global do texto.

Elabore o plano do texto lido, organizando de forma hierárquica os elementos que você levantou.

Esperamos que, a partir do conhecimento dessas estratégias, você esteja mais incentivado a realizar as leituras na sua formação acadêmica de maneira ativa e que se sinta mais instrumentalizado a realizá-las de maneira a atribuir sentidos ao que lê. Esse é o momento de desenvolver a sua proficiência leitora que será de muito auxílio em sua vida profissional!

Em Síntese

A leitura de gêneros acadêmicos e de obras teóricas permite assimilar que:

- O processo de leitura vai muito além da decodificação de palavras;

- O leitor lança mão de sua memória e trabalha ativamente para compreender o texto. Afinal, ler é atribuir sentidos ao que lemos;

- O leitor recorre a seus conhecimentos prévios para ser ativo durante a leitura, isto é, ele recorre àquilo que já aprendeu;

- Os conhecimentos prévios podem ser de três ordens diferentes: conhecimento linguístico (domínio da língua, de sua gramática, etc.) conhecimento textual (reconhecer diferentes gêneros/modos ou formas textuais de dizer) e conhecimento de mundo (o que corresponde às experiências e vivências do leitor, a bagagem que acumulou durante a trajetória de leitor ou convivência em determinada cultura e ambiente social);

- O leitor deve recorrer conscientemente não só a seus conhecimentos prévios no momento da leitura, mas também estabelecer estratégias de leitura, isto é, efetuar uma série de ações que o auxiliem a atribuir sentidos ao texto, produzindo novos conhecimentos, tornando-se, assim, um leitor cada vez mais proficiente.

O que é Escrita?

É importante ter claro que, da perspectiva que tomamos a escrita, não a vemos como uma técnica, da mesma forma que não tomamos a língua como código e o leitor/produtor de textos como um reprodutor de discursos.

> Antes, adotamos a escrita, isto é, o ato de escrever, não só como um ato de liberdade e de expressão individual, mas também como uma forma de inserção na sociedade. O uso da linguagem, conforme observa Charaudeau (2014), permite ao homem constituir comunidades em torno de "um desejo de viver juntos", e institui-se como "um poder, talvez o primeiro poder do homem".
>
> **Fonte: Charaudeau, 2014, p. 7**

Entendemos a escrita, portanto, como uma atividade humana, sociocultural e historicamente marcada, inserida em práticas sociais, como uma possibilidade de reflexão e de inserção no mundo.

Sendo assim, de acordo com Olson (1997), o domínio da escrita é uma condição ao mesmo tempo cognitiva e social e depende de saber utilizar os procedimentos para agir sobre a linguagem e pensar sobre ela, sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Em tempos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIDC), de novas mídias e das redes sociais, em que se difunde a crença e se acredita, efetivamente, que elas são autossuficientes e caminham independentemente do labor do homem, é preciso ampliar o horizonte de conhecimentos e se propor à reflexão. A exacerbação dessa crença na tecnologia sem a presença do humano pode levar a linguagem a um esvaziamento de sentidos.

Enquanto a cultura das TIDC, das novas mídias e das redes sociais enfatizam a velocidade, a instabilidade e a vulnerabilidade, a cultura da escrita segue em caminho oposto, e é preciso observá-la de uma perspectiva a longo prazo, como um espaço para o pensar e refletir. É preciso achar o equilíbrio entre esses dois lados, pois, com certeza, ambos oferecem possibilidades de comunicação e de interação, e podem contribuir muito para o desenvolvimento e para novas conquistas do homem em sociedade.

Na concepção de escrita que adotamos aqui, o sujeito, produtor de textos, é um ator social, o que o torna um sujeito complexo, determinado e mobilizado do ponto de vista sociocultural para atuar por meio da linguagem. Além disso, é no ato de escrever que esse sujeito pensa sobre o uso da língua de maneira consciente e, assim, transforma-se em um estrategista, que considerará em suas escolhas, tanto os conhecimentos linguístico, textual e de mundo que possui, quanto a situação de comunicação, o interlocutor e os propósitos comunicativos.

Nesse sentido, Olson (1997), afirma que "escrever nos transforma de falantes em usuários da língua" e que, por essa razão, "a escrita é primordial no que se refere à consciência linguística" (OLSON, 1997, p. 280-281). Para ele, o aprendizado da leitura e da escrita é tomado erroneamente por professores e educadores quando o concebem como uma habilidade a ser treinada e não como uma aquisição intelectual. Quando escrevemos apenas para sermos avaliados e avançarmos para o próximo ano escolar, corremos o perigo de criar textos vazios, que não dizem nada a ninguém e não têm uma razão específica para existir, como bem alerta Bazerman (2006).

Importante

Sendo assim, acreditamos que para escrever é preciso construir referências, no sentido de reapresentar o mundo com base em nossos conhecimentos, crenças e julgamentos, isto é, com base na bagagem sociocultural que formamos durante toda a vida e que depende das práticas sociais em que estamos envolvidos, dos nossos propósitos e do diálogo, colaborativo ou não, que estabelecemos com o outro. Não se trata apenas de dominar a língua como um código, desvinculado, pleno de regras do bem escrever.

Bazerman (2006) observa, ainda, que a escrita nos fornece os meios pelos quais deixamos traços de nossa existência, nossas condições de vida, nossos pensamentos, nossas ações e nossas intenções. Para esse autor, a escrita torna a nossa presença

real em um mundo social, possibilitando-nos imprimir a marca de nossas necessidades e de nosso valor.

> Concebemos a escrita, portanto, como uma atividade humana, que tem como base a interação, pois sempre escrevemos para alguém, nem que seja para nós mesmos. Por isso, revisar o texto quantas vezes seja necessário é um procedimento essencial à escrita, como afirmam Koch e Elias (2011, p. 50-52), "[...] para ajustar o texto à intenção do produtor e à compreensão do leitor". A cada revisão podemos reformular, suprimir ou acrescentar trechos tendo em mente a produção e a atribuição de sentidos.

Por isso, jamais acredite que a primeira versão do seu texto é a melhor e suficiente. Procure reler o seu texto algumas vezes e, se possível, peça a um colega para que faça uma leitura crítica também. A prática de escrever, reler, revisar, reescrever é o que pode nos auxiliar a transformar o inexperiente produtor que mora em todos nós em autor proficiente. Nas palavras de Graciliano Ramos, um dos grandes escritores brasileiros:

> Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem o seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. "A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer." (RAMOS, 2008 *apud* KOCH; ELIAS, 2011, p. 52).

Então... mais confiante para enfrentar o desafio da escrita? Lembre-se que, no meio acadêmico, a leitura e a escrita proficientes constituem um valor quanto são processos que sustentam a aprendizagem e auxiliam na produção de conhecimentos. Por isso, comece a trabalhar as palavras desde já!

Usos da Língua na Norma Urbana de Prestígio

Sabemos que há vários aspectos a elaborar quando somos instados a ler e a escrever. Além da necessidade de aplicar o que vimos sobre os processos de leitura e de escrita, para que você alcance maior clareza e qualidade de expressão e compreensão, vale lembrar que, em esferas de atividades que exigem maior formalidade na leitura e na escrita, como na universidade e no trabalho, em que utilizamos sobretudo a norma urbana de prestígio, é preciso ficar atento a alguns usos orientados por regras da gramática normativa.

Reflita

Sendo assim, elencamos a seguir algumas dúvidas que sempre surgem quando escrevemos e lemos e algumas orientações sobre o uso adequado da língua portuguesa na norma urbana de prestígio, para a sua aplicação na leitura e na produção escrita de textos. Vamos lá?

Este, Esse ou Aquele? Qual O uso Correto dos Pronomes Demonstrativos?

Os pronomes demonstrativos este, esse e aquele e suas variações de gênero e número (apresentadas a seguir) situam os seres em relação às pessoas do discurso – quem fala; com quem se fala; de quem se fala –, no ato da comunicação.

- **Esta casa está à venda.** (a casa está próxima ao sujeito que fala, 1ª pessoa do discurso);
- **Esse livro foi emprestado à biblioteca.** (o livro está próximo à pessoa com que se fala, 2ª pessoa do discurso);

- **Aquele aluno não irá à festa de formatura.** (o aluno está distante de quem fala e com quem se fala, 3ª pessoa do discurso).

Além disso, no contexto, esses pronomes situam os seres em relação ao tempo e espaço, mostrando, inclusive, a antecipação do que vai ser dito/falado ou retomando o que foi dito/falado:

- **Preste atenção a esta frase: todo excesso deve ser evitado.** (o pronome esta antecipa o que vai ser dito);

- **Beber e dirigir não forma boa parceria, isso já foi comprovado técnica e cientificamente.** (O pronome isso retoma/recupera o que foi dito.);

- **Essa era uma prática comum naqueles tempos de terror.** (O pronome aqueles indica tratar-se de uma época distante do tempo presente.).

Ao usar os pronomes demonstrativos, o produtor do texto fornece a seu leitor várias informações, estabelecendo relações entre o que se fala e as pessoas do discurso, além de situar no tempo e no espaço o tema/fato sobre o que se fala. As marcações de antecipação e retomada no texto também são um importante recurso de coesão. Por isso, deve-se ficar atento ao uso dos pronomes demonstrativos para produzir sentidos no texto e não se deve usá-los de forma indiscriminada.

Importante

Atenção às possíveis relações que os pronomes demonstrativos expressam:

- **ESTE/ESTA/ISTO:** eu/nós (1ª pessoa), aqui (lugar), hoje/agora (tempo), citação do que virá no texto;
- **ESSE/ESSA/ISSO:** tu/você (2ª pessoa), aí (lugar), ontem (tempo) tempo passado em relação à enunciação presente, recuperação do que já foi citado no texto;
- **AQUELE/AQUELA/AQUILO:** ele/ela (3ª), lá/ali (lugar distante), tempo passado, ainda mais distante, em relação à enunciação presente.

QUE ou QUÊ? Quando devemos usar o Acento?

O termo "QUE" é um monossílabo átono, por isso não é acentuado. Ele pode exercer diversas funções na frase e, dependendo do seu emprego, pode ser classificado como pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva, entre outras. Veja alguns exemplos de seu uso, a seguir:

- **No outono, gosto de ver as folhas QUE caem.** (pronome relativo; quando se relaciona com o antecedente da oração anterior, substituindo-o na seguinte: ver as folhas; as folhas caem);

- **Convém QUE o assunto seja discutido seriamente.** (conjunção; introduz uma oração subordinada subjetiva: "o assunto ser discutido seriamente" é o sujeito do verbo convém);

- **QUE lindo foi o seu gesto!** (advérbio de intensidade, equivalente a "quão"; o seu gesto foi muito lindo!);

- **Quase QUE eu perco o jogo!** (partícula expletiva; seu emprego não é rigorosamente necessário, poderia ser: quase eu perco o jogo!).

O termo "QUÊ" é um monossílabo tônico e, por isso, deve ser acentuado. Alguns casos em que o encontramos em uso: como um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação), de reticências; como um substantivo (com sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou como uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Importante

- Você precisa de QUÊ? (pronome indefinido, final de frase);
- Há um QUÊ inexplicável em sua atitude. (substantivo, pode ser substituído por "qualquer coisa de": Há qualquer coisa de inexplicável em sua atitude);
- QUÊ! Conseguiu chegar a tempo?! (interjeição, mostra surpresa, espanto).

POR QUE ; PORQUE ; POR QUÊ ; PORQUÊ: eis a questão!

Sempre que nos deparamos com essas várias formas de grafar um "PORQUE" nos perguntamos: junto ou separado? Com acento ou sem acento? Vamos ver a seguir o que nos orienta a gramática normativa.

POR QUE (separado e sem acento)

- Usa-se "por que" para fazer uma pergunta, direta ou indiretamente. Por QUE você não me esperou? Quero saber por QUE você não me esperou. Observe que a interrogação indireta é aquela que está subordinada a outra oração (no caso "Quero saber"); sendo assim, embora tenha a equivalência de uma pergunta, não se emprega sinal de pontuação de frase interrogativa (?). No caso da pergunta indireta, você sempre pode colocar os substantivos "motivo ou razão" após o "por que". Retomemos o exemplo anterior: Quero saber por que motivo/razão você não me esperou;

- Emprega-se "por que" também para substituir pelo qual, pelos quais, pela qual, pelas quais, por qual, por quais (preposição "por" e pronome relativo "o qual"). As dificuldades por QUE passei... (= pelas quais); Ignoro por QUE razões ela fez isso. (= por quais).

POR QUÊ (separado e com acento)

- Utilizado em frases interrogativas, diretas ou indiretas, na posição final da frase. O QUÊ se torna monossílabo tônico e por isso deve ser acentuado sempre que vier imediatamente seguido do sinal de interrogação ou de ponto final. Você está triste. Por QUÊ? Você está triste. Diga-me por QUÊ.

PORQUE (junto e sem acento)

- É empregado para se dar uma resposta ou explicação, sendo uma conjunção de causa/explicação. Não o chamei porQUE você estava ocupado; Não comprei a casa porQUE ela é muito pequena; Deixem-me ir agora, porQUE estou muito cansado.

PORQUÊ (junto e acentuado)

- Trata-se na verdade de um substantivo, sinônimo de "causa", "razão", "motivo", vem precedido de artigos (O, OS ou UM, UNS) e varia em número (singular/plural). As crianças querem saber o porQUÊ de tudo; Tudo na vida tem um porQUÊ; A ciência procura os porQUÊS dos fenômenos.

HAVIA recursos ou HAVIAM recursos para a obra?

O verbo HAVER é impessoal (e, portanto, deve ficar na 3ª pessoa do singular, sempre) quando significa:

- **Existir:** a obra foi paralisada porque não havia recursos;
- **Ocorrer, Acontecer:** durante a reunião, houve alguns episódios estranhos;
- **Fazer (indicando tempo decorrido):** há dois anos que ela não me dá notícias.

Importante

O verbo haver, quando significa existir, é impessoal, mas se empregamos o verbo existir, ele mesmo, deve-se fazer a concordância com o sujeito.

Por isso, devemos escrever: Há momentos em que penso em desistir. MAS Existem momentos em que a esperança retorna pelo teu sorriso. Quando o verbo haver indica tempo decorrido, não se deve acrescentar o advérbio ATRÁS, pois seria redundante. Então.... SIM/USE: HÁ alguns anos; ou Alguns anos ATRÁS; NÃO/ NÃO USE: HÁ alguns anos ATRÁS. Na indicação de tempo futuro ou de espaços entre épocas, já não se trata do verbo HAVER, mas da preposição A.

- Ela chegará daqui A instantes;
- Daqui A dois anos estarei casado;
- Estamos A três dias do natal;
- As inscrições ficarão abertas de janeiro A março;
- De segunda A sexta estarei em Brasília.

Não existe, em português, a letra A sozinha com o acento gráfico, agudo.

Já FAZ ou Já FAZEM cinco anos que não o vejo?

O verbo fazer é impessoal quando indica tempo.

Então, em qualquer circunstância ele permanece na 3ª pessoa do singular.

- Faz uma semana;
- Faz cinco semanas;
- Fazia anos que ela não vinha ao Brasil.

Em uma locução verbal, dois ou mais verbos que funcionam como um, e se compõe de verbo auxiliar + verbo principal, quando acontece de ser impessoal o verbo principal, caso dos verbos HAVER e FAZER, o verbo auxiliar carrega para si a impessoalidade do verbo principal. Assim, deve-se seguir o exemplo: "Se a medida for aprovada, poderá haver diversas manifestações de rua." Em todos os casos, mantém-se essa regra: "poderá haver novas tentativas..."; "deve haver fatos que..."; "tinha havido exceções..."; "está havendo reclamações..."; "deve fazer cinco anos..."; "devia fazer dois anos" etc. Fique bem atento a esses casos na sua escrita e na sua fala!

De encontro a ou ao encontro de?

- "De encontro a"... significa em oposição a, se coloca contrário a, indica rejeição;
- "Ao encontro de"... significa em direção a, se coloca em concordância com, indica aceitação. Assim:
- Isso vai de encontro a meus princípios. (= se opõe a, não concorda com);
- Isso vem ao encontro de meus desejos. (= coincide, concorda com).

Em Síntese

Nessa Unidade, abordamos a leitura e a escrita como processos dinâmicos de interação, dos quais produtor e leitor participam ativamente para a produção/ atribuição de sentidos. Vimos também algumas estratégias e procedimentos que podem auxiliar no aperfeiçoamento da leitura e da escrita no âmbito da graduação. Também respondemos a algumas dúvidas que surgem no momento em que estamos escrevendo, de modo a garantir o uso adequado da norma urbana de prestígio, exigida no meio acadêmico e profissional, seguindo as regras da gramática normativa. Esperamos ter contribuído para a ampliação dos seus conhecimentos! A seguir, apresentamos, no material complementar, alguns links de vídeos e textos, além de indicações de livro que você encontra na Biblioteca Virtual da universidade, para que possa aprofundar seus estudos e desenvolver ainda mais suas competências leitora e escritora.

Atividades de Fixação

1 – Qual dos seguintes fatores é um componente fundamental do processo de leitura e escrita?

a. Soletração correta das palavras.
b. Caligrafia bonita e legível.
c. Vocabulário extenso.
d. Compreensão do texto lido.
e. Uso de letra cursiva.

2 – Qual é a forma correta de usar o "porquê" na frase seguinte?
"Fiquei em casa hoje _____ estava chovendo muito."

a. por que
b. porque
c. por quê
d. porquê
e. porquê?

Atenção, estudante! Veja o gabarito desta atividade de fixação no fim deste conteúdo.

Material Complementar

Livros

Práticas de Escrita para o Letramento no Ensino Superior
Quando um aluno ingressa na universidade, não raramente, encontra dificuldades para adequar seu estilo de escrita às exigências e normas presentes nos gêneros tipicamente acadêmicos, faltando-lhe clareza sobre como produzir um artigo científico, uma resenha, um resumo, um relatório ou até mesmo um simples texto de opinião. Nesse sentido, práticas de escrita para o letramento no ensino superior é indispensável para o estudante que deseja superar esses obstáculos e melhorar gradativamente sua qualidade de escrita. Por meio de uma abordagem direta e descomplicada, esta obra mostra em profundidade o funcionamento discursivo dos gêneros acadêmicos, suas funções sociocomunicativas, suas estratégias de tratamento temático e seus aspectos formais específicos.
HARTMANN, S. H. G.; SANTAROSA, S. D. **Práticas de escrita para o letramento no ensino superior**. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2015

1001 Dicas de Português: Manual Descomplicado
E, se você tiver mais dúvidas sobre o uso da língua portuguesa ou da norma urbana de prestígio, consulte na Biblioteca Virtual o livro indicado.
SQUARASI, S.; CUNHA, P. J. **1001 dicas de português:** manual descomplicado. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

Vídeos

Como Desenvolver a Compreensão Leitora dos Alunos? | Grandes Diálogos com Delia Lerner.
Assista também a um vídeo em que Délia Lerner fala sobre compreensão Leitora.
https://youtu.be/3lRLK0axNJc

Duas Perguntas Sobre Leitura na Escola para Telma Weisz.
O vídeo com Thelma Weiss trata de como coordenadores e gestores podem motivar a formação de uma comunidade de leitores na escola, na educação básica.
https://youtu.be/2DKL4aI40C8

Os Perigos de uma História Única
Ainda sobre leitura, assista à conferência intitulada Os perigos de uma história única, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie.
https://youtu.be/ZUtLR1ZWtEY

Material Complementar

Leituras

O Prazer da Leitura.
http://bit.ly/32UiPLi

Sob o Feitiço dos Livros.
http://bit.ly/2ImyTfc

Referências

BABEL. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. **Estadão**, [*s. l.*], 18 maio 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca--comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>.Acesso em: 13 jul. 2023.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BLIKSTEIN, I. **Técnicas de comunicação escrita**. São Paulo: Contexto, 2016. (*e-book*)

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COLCIONI, M. M. G.; PIOVESAN, L.; STRONGOLI, M. T. Q. G. **Livros e computador**: Palavras, ensino e linguagens. São Paulo: Iluminuras, 2001.

EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Psicologia Cognitiva: um manual introdutório.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, I.V.; ELIAS, V. M. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016. (*e-book*)

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010. (*e-book*)

OLSON, D. R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

VIANNA, A. C. **Fábulas de Esopo**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Gabarito

Questão 1

d) Compreensão do texto lido.

Justificativa: a resposta correta é D) "Compreensão do texto lido." Embora todos os outros fatores considerados sejam importantes no processo de leitura e escrita, a compreensão do que está sendo lido é o componente fundamental. A leitura não se resume apenas a decodificar as palavras, mas também a entender o significado do texto. A compreensão é o objetivo final da leitura e escrita, pois permite que o leitor faça sentido do conteúdo e responda de maneira crítica e reflexiva ao que foi lido.

Questão 2

b) porque

Justificativa: o "porque" (resposta B) é usado para indicar uma causa ou explicação. Na frase dada, uma pessoa ficou em casa porque estava chorando muito, o que é uma explicação para a ação de ficar em casa. Portanto, "porque" é a forma correta de usar nesse contexto.

- "Por que" (resposta A) é usado em perguntas diretas ou indiretas, como "Por que você ficou em casa hoje?" ou "Ela quer saber por que você ficou em casa hoje."
- "Por quê" (resposta C) é usado quando a palavra está no final da frase e a frase é uma pergunta, como "Você ficou em casa hoje por quê?"
- "Porquê" (resposta D) é usado como substantivo, referindo-se à razão ou motivo, como "Eu não entendo o porquê de sua decisão."
- "Porque?" (resposta E) é usado em perguntas diretas para pedir uma explicação, como "Você ficou em casa hoje por quê?"